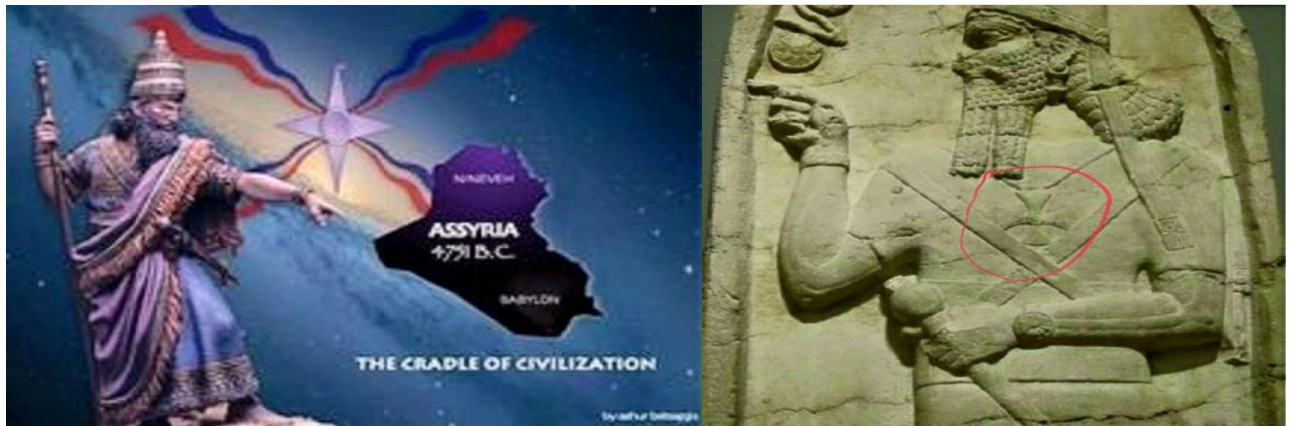


Estudar o Cristianismo



Estudar o Cristianismo em si é estudar a evolução religiosa do ser humano.

Por mais que queiramos anular o sentimento religioso em nós voltando-nos cada vez mais para o mundo material e o lazer fácil e até promíscuo, mais se coloca à nossa frente a candura e a paz espiritual cristã.

Eis que no limiar da história a humanidade na busca da compreensão dos fenômenos naturais atribui a seres poder de força sobre-humana.

Gradualmente esta compreensão do meio que o cercava, o homem transferiu muito deste domínio aos sentimentos, assim surgem deuses do amor, da alegria, do mal, do bem ou até da dor de cabeça e por aí vai.

Acontece, no entanto um fato persistente no conhecimento religioso além da força natural ou mesmo do poder sobre os sentimentos humanos, este fato é a invisibilidade dos deuses.

É neste ponto do processo cognitivo religioso que o Oriente Próximo agrega a imagem do disco solar a divindade máxima. No entanto, enquanto isso ocorre na Mesopotâmia, já no Egito e depois Grécia e Roma reivindicam o status de deuses para seus reis e mais, ainda criam imagens de divindades irreais misturando partes de corpos humanos e animais.

Isto não ocorre na civilização mesopotâmia, assírio-babilônia, herdeira dos sumérios e acádios onde suas divindades tem a forma humana e até mesmo o disco solar - Shamash - tem a representação humana projetando seus raios luminosos e quentes penetrando em tudo e todos.

A exceção na Mesopotâmia é o guardião das cidades e templos simbolizado por quatro seres, cabeça humana, asas de águia, corpo de leão e patas de touro. As demais referências religiosas, ou seja, aquelas que não tem status divino e que podemos chamar de "gênios" são aladas... serão os anjos ?

As esculturas do Oriente Próximo permitem um passeio interessantíssimo digno de estudo daqueles que efetivamente desejam entender a síntese final deste processo religioso.

Convém agora, no plano terrestre, entender que os reis mesopotâmios transitavam no mundo dos deuses, mas como seres terrenos não alcançam o status divino.

O exemplo de Guilgamesh que no seu épico apesar de ser um rei composto de dois terços divinos e um terço humano, era ainda apoiado por um conselho de anciãos. No fragmento épico sumeriano no que tange às guerras com Kish, seu poder é ainda mais limitado por um segundo conselho que influencia suas decisões como rei, este segundo conselho é formado por seus soldados-guerreiros.

Para os mais analíticos constatamos aqui os verdadeiros traços do nascedouro da democracia justamente na Mesopotâmia o que corretamente os historiadores designam como "O Berço da Civilização".

Num verdadeiro mar de "comunismo religioso aristocrático" onde o faraó egípcio ou o imperador romano são considerados divinos, os povos mesopotâmios instituíram cidades-estados com reis governantes com reconhecida limitação humana.

Quem prestou atenção em *Guilgamesh* acima, constata que foi criado dois terços divino e um terço humano, e, em sua busca incansável pela imortalidade que ele quase alcança escapa-lhe às mãos no último momento.

Se quisermos nos aprofundar vamos constatar que também nos mitos a concorrência de três seres divinos com objetivos específicos estão sempre presentes nos épicos e referências mesopotâmias, como no mito de Etana - da águia e da serpente - onde precisa alimentar a árvore do nascimento para dar continuidade à sucessão real dinástica uma vez que o poder real era oriundo da escolha divina.

Exemplo disso é Hamurábi (1700 a.C.) que era "visto pelo deus Shamash, o deus-sol, convocado por Anu e Enlil para estabelecer a justiça na comunidade", expressão essa, famosa no Código de Hamurábi.

O rei poderia assim alegar ter sido escolhido desde o ventre materno como fez Nabucodonosor, último rei da dinastia babilônica, ou ainda Assarhadon (680 -669 a.C.) filho mais jovem de Senaqueribe que declarava ter direito à sucessão dinástica a partir dos oráculos de Shamash e Adad.

Esta fórmula de oráculos ou profecias determinou também, o rumo da história do judaísmo no livro primeiro dos reis no caso de Salomão e a adoção de Ezequias como aparente herdeiro e co-regente do rei Acáz de Judá em 729 a.C.

Em Isaías: "Porque nasceu para nós um menino, um filho nos foi dado, sobre o seu ombro está o manto real (ou o selo da governança) e ele se chamará 'Conselheiro Maravilhoso', 'Deus Poderoso', 'Pai eterno provedor', 'Príncipe da Paz'".

Como atribuir esta profecia a Isaías e a Igreja esquecer que o próprio Isaías em outro lugar se refere a "Lilit" o deus dos pesadelos, ameaças e medos noturnos dos mesopotâmios se ele era monoteísta?

"Aí vão se encontrar o gato do mato e a hiena, o cabrito selvagem chamará seus companheiros; aí Lilit vai descansar, encontrando um lugar de repouso..." (Isaías 34: 14).

Ainda em Isaías que podemos agora chamar de "sincretista" vamos ver que ele literalmente copia o mito sumério de Enki o deus da água onde a Terra é vista como uma divindade viva Ninhursag (Senhora da Montanha) dominadora da lama dos pantanais e das enchentes da baixa Mesopotâmia onde a união dela com Enki ou Ea, deus da água descreve a geração da agricultura.

A terra de Tilmun é pura,
A terra de Tilmun é limpa,
Em Tilmun o corvo não chora,
O pássaro itidu não brada o choro de itidu,
O leão não mata
O lobo não agarra a ovelha
O cão selvagem desconhece o devorar dos filhotes

...

O que está doente dos olhos não diz "estou doente dos olhos"
O que tem dor de cabeça não diz "estou com dor de cabeça"
A velha senhora não diz "sou uma velha senhora"
O homem velho não diz "sou um homem velho"

....

Esta descrição das coisas - "No princípio" - antes de o fenômeno adquirir suas características é nitidamente uma reminiscência da descrição da primeira origem em Genesis 2: 19-20 na passagem em que o homem caracteriza as várias criaturas identificando-as com nomes.

O imaginário sumério-acádio e depois o assírio-babilônio encontra eco na visão da concórdia universal na qual o rei como executivo de Deus em Israel é a segurança - Isaías 11: 6-9.

"O lobo será hospede do cordeiro, a pantera se deitará ao lado do cabrito..."

Podemos ainda divagar com o poder de Enki que pode impor ou remover maldições onde os povos antigos sacrificavam ovelhas para se livrarem destas maldições a cada ano novo, e esta prática sobreviveu na região até que os israelitas trazem a contrapartida do bode expiatório em Levítico 16: 1-18.

Será que temos de reinterpretar o Cristo quando diz que não veio para alterar a lei, mas para completa-la?

O monoteísmo mesopotâmio não era privilégio dos israelitas que copiaram muito das religiões dos seus vizinhos ou por onde passavam, é por isso que o cristianismo monoteísta, isto é, de um só Deus, porém Trino, foi facilmente aceito em todo o Oriente.

A confusão linguística do judaísmo gera maior conflito e incompreensão no entendimento religioso monoteísta quando o Deus de Moisés se identifica: "eu sou o que é" ou em outras versões bíblicas "eu sou o que sou" - e isto soa como nada, agora se nos voltarmos para a frase correta - "a hia axar haia" - "eu sou o princípio da vida" - não teremos necessidade de maiores explicações ou divagações absurdas.

Esta é a verdadeira concessão que o Deus invisível faz a Moisés, Ele se identifica como o "Criador" ou "A Força Geradora Inicial".

Da mesma forma temos provas do reconhecimento do mistério divino em outros pontos da Bíblia como no livro de Jó na teofania a Elifaz.

Finalmente o disco solar que desempenhou importante papel no mundo antigo ilustrando a visibilidade e invisibilidade divina, ou seja, o mistério de Shamash é protegido e os homens se lembram de que todo conhecimento é parcial principalmente sobre Deus o Ser.

O calor do sol está contido na materializada no Salmo 19 quando a penetração do sol em tudo que está abaixo chega tão longe quanto a consciência humana.

Agora, porque se todas as comunidades tinham seus deuses esculpidos, os seguidores de Moisés não tinham a representação do seu Deus? Simples, eles materializaram o seu Deus no decálogo ou Dez Mandamentos esculpidos e colocado dentro da arca da aliança com outros objetos. Ainda os judeus levam os Dez Mandamentos fixados à porta de suas residências assim como os cristãos exibem a Cruz em seus lares ou locais de trabalho.

Mas, é bom lembrar que os judeus tiveram diversos períodos de adoração de outros deuses como o bezerro de ouro no deserto ou mesmo o rei Salomão que mandou construir templos de divindades de adoração de suas mulheres e estrangeiros que viviam sob seu domínio.

Deixando um pouco de lado esta exposição da correlação dos povos e suas crenças no Antigo Testamento, voltemo-nos por um momento para o Novo Testamento onde nos Evangelhos vamos constatar uma continuidade narrativa a exemplo dos antigos povos mesopotâmios.

Os Evangelhos focam as histórias e passagens da vida de Jesus Cristo, mais especificamente sua vida terrena nos dois primeiros evangelhos - Mateus e Marcos, já em Lucas e João as narrações são seletivas e subjetivas e precisam ser lidas em voz alta.

Quando estas narrativas passaram a ser lidas para os ouvintes, compreende-se melhor a influência de Jesus sobre o caráter da sociedade.

Sem dúvida a leitura em voz alta dos evangelhos nas comunidades no momento de reunião para a repetição do ato de abençoar e dividir o pão e o vinho entre os presentes esculpiu as cerimônias que hoje assistimos.

Não vamos nos aprofundar nesta área do Cristianismo, mas vamos apenas lembrar a importância do simbolismo e representação nos atos repetitivos o caráter educacional contínuo da melhoria das relações humanas.

Se por um lado a filosofia de preservar uma nação incólume escolhida pela divindade, para nela manifestar-se o Messias (Ungido) ou o Emanuel (Deus está conosco), o verdadeiro ungido de Deus e Deus verdadeiro desbarata esta ideia logo no seu nascedouro, pois, afasta a presença do homem na sua concepção e traz a antiga ideia dos povos mesopotâmios da interação do divino com o humano na concepção virginal de Maria através do Espírito Santo, incompreensível para os judeus e para muitos dos sábios dos nossos dias, pois, "a sabedoria de Deus é ignorância para os homens".

Cristo, portanto, não é de descendência de Davi, ao contrário, mostra que não existe nação especial ou escolhida, mas, que todos são iguais e esta também nos chama a atenção para a democracia inicial que citamos dos reis mesopotâmios.

Cristo, segundo Paulo, o apóstolo, não é um sacerdote segundo a ordem de Aarão, mas segundo a ordem de Melquisedeque ou o rei justo que Abraão encontra e que oferece sacrifício de pão e vinho para o Deus Altíssimo.

Aqui Paulo apaga ou desliga o Cristo do judaísmo e vincula-o aos reis antigos, os reis-sacerdotes e não aos reis-divinos, aos reis mesopotâmios e não aos faraós ou reis gregos ou ainda imperadores romanos que se auto arrogam a falsa divindade.

"És tu o filho de Deus?" - "Tu o disseste".

Eis o diálogo simples onde o homem tem de reconhecer a verdadeira divindade de Cristo.

Cristo envereda sua doutrina filosófica nos alicerces da igualdade dos homens tanto perante Deus como seus semelhantes; trata-os como irmãos ou família, com amor, compreensão, perdão, candura, harmonia, misericórdia e concede-lhes benesses infindáveis culminando com a maior benesse aquela onde os homens são filhos do Deus Altíssimo, o mesmo que Melquisedeque reverencia, que Abraão busca, e que os judeus acabam não encontrando.

Paulo, o arquiteto do Cristianismo, trata de explicar isto a diferentes povos respeitando sempre os limites de suas tradições e conhecimentos.

Tanto judeus como muçulmanos, as outras duas grandes vertentes monoteístas ainda vigentes na humanidade ainda não compreenderam que a religião, parte do conhecimento humano, evoluiu e continua evoluindo e eles permaneceram estagnados no tempo adeptos de doutrinas proféticas superadas.

O Ocidente por sua vez escondido e preso às amarras de teses filosóficas esquece de olhar para o Cristianismo como uma filosofia de vida em contínua evolução que muito além da divagação e dos números das ciências exatas acolhe o homem integralmente em sua fragilidade e propõe um futuro melhor, imaterial e eterno.

Imagens:

1 - Assíria o Berço da Civilização

2 - Rei Assírio com o peito ornado com a Cruz

3 - Imagem de Cristo - "Vinde a mim pois, o meu fardo é leve!"